



Revista de Administração da Unimep

E-ISSN: 1679-5350

gzograzian@unimep.br

Universidade Metodista de Piracicaba

Brasil

Siani, Sergio Ricardo; Alves Correa, Dalila; Luzzi Las Casas, Alexandre
FENOMENOLOGIA, MÉTODO FENOMENOLÓGICO E PESQUISA EMPÍRICA: O
INSTIGANTE UNIVERSO DA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO ESQUADRIHADA
NA EXPERIÊNCIA DE VIDA.

Revista de Administração da Unimep, vol. 14, núm. 1, enero-abril, 2016, pp. 193-219

Universidade Metodista de Piracicaba

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273745301008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**FENOMENOLOGIA, MÉTODO FENOMENOLÓGICO E PESQUISA EMPÍRICA: O
INSTIGANTE UNIVERSO DA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO
ESQUADRINHADA NA EXPERIÊNCIA DE VIDA.**

***PHENOMENOLOGY, PHENOMENOLOGICAL METHOD AND EMPIRICAL
RESEARCH: THE EXCITING WORLD OF KNOWLEDGE CONSTRUCTION
SCANNED IN THE LIFE EXPERIENCE.***

Sergio Ricardo Siani (PUC-SP) *sergiosiani@gmail.com*

Dalila Alves Correa (UNIMEP) *dacorrea@unimep.br*

Alexandre Luzzi Las Casas (PUC-SP) *alascasas@terra.com.br*

Endereço Eletrônico deste artigo: <http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/regen/editor/submissionEditing/1002#scheduling>

Resumo

A fenomenologia é um dos movimentos filosóficos mais importantes e fascinantes do século XX e, desde o seu início estabeleceu relações muito próximas com a Psicologia. Foi por meio da Psicologia que o método fenomenológico (método de estudo da fenomenologia) disponibilizou-se para o restante das disciplinas das ciências humanas e social. A fenomenologia é o estudo das essências e, todos os problemas sob esta perspectiva resumem-se em definir essências. Gradativamente, a fenomenologia vem ganhando reconhecimento como uma abordagem à pesquisa qualitativa, aplicável ao estudo de fenômenos importantes de diferentes campos, incluindo o da Administração e Estudos Organizacionais. A abordagem fenomenológica, enquanto roteiro de procedimentos desdobra-se em duas grandes vertentes: a filosófica e a empírica. Em ambas as vertentes o ponto de partida é a realidade social dos sujeitos e, o objetivo é a sua compreensão. No âmbito filosófico, essa compreensão estará sempre centrada naquele que conduz a análise de um fenômeno até o alcance da sua essência. No âmbito empírico, o objeto de análise é sempre uma parcela do mundo que é do outro. A apreensão desta parcela pelo pesquisador leva, forçosamente, a obtenção de relatos sobre a experiência vivida do outro para alcançar o fenômeno, ou seja, a “coisa em si mesma”. A aplicação da abordagem fenomenológica à pesquisa empírica nas Ciências Humanas e Sociais

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

teve aumento substancial nas duas últimas décadas. Comparativamente, ela se mostra em fase embrionária no campo da Administração, no entanto, vem experimentando um processo dinâmico de crescimento. Uma das razões que suporta este movimento ascendente é a constatação do seu alcance epistemológico consistente e significativo para aplicação ao estudo dos mais variados problemas do campo das organizações. O objetivo deste artigo desenvolvido na modalidade ensaio teórico é trazer elucidações sobre esta abordagem, enquanto filosofia do conhecimento e enquanto método de investigação. Os quais podem articular com diferentes processos de investigação qualitativa que buscam compreensão da experiência real vivida pelos sujeitos frente aos mais diversificados fenômenos do mundo cotidiano. Sob esta perspectiva o intuito dos autores é despertar o interesse dos pesquisadores do campo da Administração para a abordagem fenomenológica, pois, nem sempre o crescimento observado tem sido consubstanciado no nível de qualidade que demanda as pesquisas qualitativas - aspecto que o presente artigo também irá abordar. A partir da literatura de pensadores da Filosofia, Educação, Psicologia e, de autores da Administração e da Metodologia de Pesquisa o presente artigo desenvolveu os conceitos centrais da fenomenologia e do método fenomenológico e, apresentou também considerações de natureza empírica sobre a elaboração e desenvolvimento de projeto de pesquisa qualitativa sob este enfoque.

Palavras-chave: fenomenologia, método fenomenológico, pesquisa fenomenológica, pesquisa qualitativa.

Abstract

Phenomenology is one of the most important and fascinating philosophical movements of the twentieth century which, since its beginning has established close relations with Psychology. Will be through the Psychology that the phenomenological method (phenomenology of study method) will be available to the rest of the disciplines of the humanities and social sciences. Phenomenology is the study of essences and all the problems from this perspective are summarized in defining essences. Gradually, phenomenology is gaining recognition as an approach to qualitative research, applicable to study important phenomena from different fields, including the Management and Organizational Studies. The phenomenological approach, while script procedures unfolds in two major areas: the philosophical and empirical. On both areas the starting point is the social reality of the subject and the goal is our

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

comprehension. In the philosophical level, this understanding will always be centered on that who leads the analysis of a phenomenon to the extent of its essence. In the empirical part, the object of analysis is always a part of the another's world. The apprehension of this portion by the researcher leads, inevitably, to obtain reports on the experience of the other to achieve the phenomenon, namely, the "thing in itself". The application of the phenomenological approach to empirical research in the Humanities and Social Sciences had substantially increased in the last two decades. By comparison, it shows in its embryonal phase in the field of Administration, however, has been experiencing a dynamic growth process. One of the reasons that support this upward movement is the real perception of his consistency and meaningful epistemological range for application to the study of various organizations field problems. The objective of this paper, developed as the theoretical essay, is to bring clarifications on this approach, while philosophy of knowledge and as a method of investigation. Which can articulate with different qualitative research processes that seek to understand the real experiences of subjects tackles the most diverse phenomena everyday world. From this perspective the intention of the authors is to awaken the interest of field researchers to the phenomenological approach, because the observed growth has not always been developed in the patterns of quality that demand qualitative research - an aspect that this article will also address. From literature of the philosophy, education, psychology and management and research methodology authors this article developed the core concepts of phenomenology and phenomenological method and also presents considerations of empirical nature on the preparation and project development qualitative research under this approach.

Key-words: phenomenology, phenomenological method, phenomenological research, qualitative research.

Artigo recebido em: 08/10/2015

Artigo aprovado em: 20/10/2015

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

1. Introdução

O que é fenômeno de pesquisa? É diferente de objeto de pesquisa?

O que é a fenomenologia de Husserl e método fenomenológico? Em que aspectos este método difere de outros métodos de pesquisa? Qual o objetivo de um pesquisador ao adotar uma postura fenomenológica? Quais os cuidados elementares ele deve ter ao adotar esta postura? Como estas questões se apresentam para o campo da Administração e dos Estudos Organizacionais?

Muitas outras indagações podem ser feitas a respeito da fenomenologia - assunto que tem atraído diferentes pesquisadores, de diferentes épocas, das mais diferentes áreas do conhecimento e, em diferentes níveis de atuação. Alguns, após satisfazer especulações imediatistas decidem abandoná-la por se sentirem vencidos pelo espinhoso caminho que ela impõe; outros decidem pelo desafio de desvendá-la mesmo sabendo que para cada passo dado existe a possibilidade do recomeço, pois se trata de uma abordagem em contínua construção.

Uma das experiências que temos observado no contexto acadêmico e, principalmente em programas de *strito sensu* das ciências sociais aplicadas é a falta de incentivo e apoio para os estudantes adotarem esta abordagem em suas pesquisas. De fato esta observação faz sentido porque de modo geral, não sabemos ainda caminhar com a fenomenologia, não sabemos sobre todas as suas possibilidades para a pesquisa empírica e o quanto ela não faz parte da nossa cultura acadêmica. Afinal, poucos estudantes e pesquisadores adotam uma cultura filosófica como ponto de partida para as suas investigações.

No entanto, na medida em que assumimos uma postura receptiva em relação a esta abordagem apoiando-nos sobre argumentos que enaltecem a sua aplicação, inclusive para o campo da Administração, nos deparamos com a necessidade de fazê-lo da forma mais pragmática possível, de torná-la compreensível de modo a possibilitar não somente o atendimento dos limites da nossa própria ignorância, mas, também de torná-la mais atrativa.

Neste contexto, o presente artigo foi descrito na modalidade ensaio teórico, cujo objetivo é trazer elucidações sobre as abordagens fenomenologia, pensamento fenomenológico e suas categorias, bem como sobre a trajetória da pesquisa fenomenológica visando sua articulação com a pesquisa em Administração, no nível de seus fundamentos - sem, contudo pretender esgotar todos os aspectos relativos à sua discussão enquanto método de pesquisa, uma vez que a sua complexidade não está propriamente embasada na dificuldade de discussão de um tema isolado, “mas sim na abrangência de temas a que o deslocamento

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

lógico de ideias leva o investigador (...), pois, a riqueza de possibilidades associativas de temas internos e externos ao método é ampla” (SOUZA et GUEDES, 2012, p.55).

Além disso, existem muitas abordagens fenomenológicas que longe de estarem consolidadas mostram-se dinâmicas e apresentam constante desenvolvimento. Igualmente, ocorre na aplicação do método fenomenológico, com suas múltiplas variantes (GIL, 2010).

A pertinência e aplicação da abordagem fenomenologia no campo da Administração e dos Estudos Organizacionais no Brasil foi analisada por Da Silveira, Guerra et. Gonçalves (2010) ao concluírem, através de um estudo bibliométrico intitulado “Fenomenologia como método de pesquisa: uma análise a partir dos trabalhos publicados nos principais eventos e revistas nacionais em Administração - 1997 a 2008”, que a abordagem fenomenológica:

- tem alcance epistemológico consistente e significativo para aplicação ao estudo dos mais variados problemas do campo dos estudos organizacionais;
- o interesse pela fenomenologia como método de pesquisa em Administração vem crescendo substancialmente, notadamente nos últimos seis últimos anos do período pesquisado;
- a falta de entendimento sobre o método fenomenológico pode ser explicada devido à relativa ausência de sua exploração, fato que também se deve a sua difícil compreensão;
- há bastante disposição de estudiosos em Administração em superar as dificuldades de compreensão da fenomenologia, pelo fato de reconhecerem a adequação do método para pesquisas qualitativas que enfatizam a experiência de vida das pessoas como fonte de informações.

O presente artigo parte do conceito de fenomenologia de Edmund Husserl e se estrutura nos trabalhos acadêmicos dos campos da filosofia, das ciências sociais e humanas. Apresenta os principais conceitos que integram sua abordagem tratando distintivamente a fenomenologia enquanto método de pesquisa e como movimento filosófico.

Sua contribuição ocorre no sentido de elucidar aspectos chave desta abordagem, enquanto filosofia e enquanto perspectiva de pesquisa empírica. Sob este contexto nosso intuito é encorajar pesquisadores a se aventurar por esta abordagem, pois de acordo com a pesquisa de Da Silveira, Guerra et al Gonçalves. (2010), anteriormente mencionada, pode-se observar que nos últimos anos foi registrado crescente interesse pela fenomenologia como método de pesquisa em Administração. No entanto, apurou-se também muita confusão e equívocos neste campo. Segundo Moreira (2002) - pesquisador da área da Administração que

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

também atuou no campo da pesquisa fenomenológica, esta realidade pode ser explicada devido à relativa ausência de exploração do assunto. Contudo, é verdade também que há bastante disposição de estudiosos em Administração em superar tais barreiras ao vislumbrarem adequação do método em pesquisas empíricas de natureza qualitativa.

Particularmente, procuramos valorizar a contribuição da abordagem fenomenológica para a construção de um tipo de conhecimento voltado para a busca de compreensão da dinâmica das significações humanas (BICUDO, 2000); aplicável ao estudo de vários campos importantes, “incluindo marketing, recursos humanos, desenvolvimento organizacional, pesquisa gerencial, etc.”, conforme cita Moreira (2002, p.60) e adequado sempre que se deseja dar destaque à experiência de vida das pessoas (DARTIGUES, 2008).

A estrutura do artigo contempla esta introdução e o desenvolvimento dos principais conceitos que integram a fenomenologia, quais sejam: origem e desenvolvimento da fenomenologia enquanto filosofia; conceito de fenômeno; características distintivas da fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica fenomenológica.

2. Fenomenologia: Origem, e desenvolvimento

Fenomenologia é uma palavra de longa trajetória histórica e também de uma etapa importante da Filosofia. Palavra de origem grega, composta por duas outras: “fenômeno” - que significa aquilo que se mostra e, não somente aquilo que se aparece ou parece e, “logia” (*logos*) – que tem muitos significados para os gregos, tal como: palavra, pensamento (BELLO, 2006). Assim, refere-se ao “estudo dos fenômenos, daquilo que aparece a consciência, daquilo que é dado a partir de si mesmo (...) é também um amplo movimento científico e espiritual, extraordinariamente variado e ramificado, ainda hoje vivo” (LIMA, 2014, p.10).

Na sua origem, o termo foi usado pela primeira vez, de acordo com Dartigues (2008), no texto *Novo órganon* (1764), de autoria de Johann Heinrich Lambert (1728- 1777), com o sentido de teoria da ilusão sob suas diferentes formas. Em 1770, Emanuel Kant (1724-1804), retoma o vocábulo falando de *phaenomenologia generalis*, para indicar a disciplina propedêutica que deveria preceder à metafísica. A palavra fenomenologia volta a ser utilizada por Kant em 1772, na denominada *Carta a Marcus Herz*, onde ele esboça o plano da obra *Crítica da Razão Pura* publicada em 1781. Pode-se assim, entender que em Kant encontra-se

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

uma fenomenologia no sentido rigoroso do termo, uma fenomenologia crítica, pois ao “analisar a estrutura do sujeito e das funções do espírito, ele estabelece que o conhecimento se reduz ao que aparece, ou seja, fenômenos” (LIMA, 2014, p.11).

É com a *Fenomenologia do Espírito* (1807) de Hegel que o termo entra “definitivamente na tradição filosófica para em seguida vir a ser de uso corrente” (DARTIGUES, 2008, p.10). Hegel associa ao termo a condição de uma ciência da experiência e da consciência. Temos em Hegel e Kant duas concepções de fenomenologia, sendo que a diferença fundamental entre elas reside na concepção das relações entre o fenômeno e o ser ou o absoluto. Hegel pretendeu mostrar como o espírito está presente em cada momento da experiência humana.

Não é, contudo, a fenomenologia de Hegel que iria se estabelecer no século XX, sob a forma do movimento do pensamento que traz o nome de fenomenologia. O verdadeiro iniciador desse movimento foi Edmund Husserl (1859-1938) que deu novo sentido ao termo, já utilizado por Kant e Hegel, quando formula o método fenomenológico, que influenciou grande parte da filosofia do século XX (DARTIGUES, 2008; LIMA, 2014).

A fenomenologia oferece a possibilidade para compreender a experiência vivida das pessoas de um modo que outras metodologias não o fazem. Ela explica os aspectos mais profundos de uma situação, atentando-se ao humor, sensações e emoções – procurando encontrar compreensão sobre a experiência real e, o que ela significa para os indivíduos, bem como quais implicações ela traz (ANTHEA, 2015).

Esclarece-se que muitas abordagens concorrem na linha da fenomenologia, as quais se encontram em constante desenvolvimento estando longe de atingir um estado de consenso. Do ponto de vista essencialmente filosófico é possível identificar as abordagens: (1) fenomenologia transcendental, associada a Husserl, Fink e Breda; (2) fenomenologia existencial de Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty e Marcel e, (3) fenomenologia hermenêutica atribuída a Heidegger, Gadamer e Ricoeur (GIL, 2010).

Husserl (1970) apresenta uma fenomenologia radical no sentido de abrir caminhos para a realidade mais fundamental dos fenômenos humanos ao centrar-se sobre a busca das essências, ou seja, “as próprias coisas”, “as coisas mesmas” no sentido de se ater com absoluta fidelidade ao modo de ser dos objetos, a aquilo que é rigorosamente dado, aquilo *que eu encontro* e, que é para mim originalmente presente, genuinamente possível de ser descoberto mas, que nem sempre é visto através de procedimentos próprios e adequados.

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

Este pensamento influenciou diversas correntes da filosofia contemporânea, levando consagrados autores a canalizar o termo fenomenologia para um nível de conceito de método de investigação, dentre eles, Max Scheler, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Lévinas e, outros que desenvolveram suas filosofias canalizando o termo fenomenologia para um conceito de método de investigação. Muitos outros pensadores interpretaram Husserl à sua maneira afastando-se tanto dele quanto dos demais. Logo, as interpretações da fenomenologia são mais divergentes do que convergentes, entretanto esta realidade não impede reconhecer a existência de um estilo de pensamento fenomenológico (POUPART, DESLAURIERS, GROULX et al., 2012).

A proposta de Husserl (1970) surge no contexto marcado pela predominância das ciências naturais, onde o método científico praticado (positivismo) havia enfraquecido tanto o historicismo quanto a identidade da filosofia do século XIX.

Neste contexto, Husserl tenta recuperar o propósito metodológico que acompanha a filosofia desde os seus primórdios, ou seja, superar o campo da mera opinião (*doxa*) para atingir o conhecimento seguro (*episteme*) com validade que transcende o âmbito da subjetividade, resguardando assim, a filosofia da superficialidade e do relativismo histórico. Seu propósito foi livrar-se de pressupostos e restabelecer a identidade da filosofia através de um novo método de fundamentação metodológica do conhecimento (GREUL, 1998).

O esforço filosófico de Husserl (1970, 1975, 2001) é destinado em seu espírito a resolver simultaneamente uma crise de filosofia, uma crise das ciências do homem e uma crise das ciências pura e, simplesmente, da qual ainda não livramos. Para ele a filosofia devia reconstruir através das ciências positivas (físicas e naturais). Devia proporcionar um método filosófico que fosse livre de toda pressuposição a priori que propiciasse a descrição de fenômenos enfocando exclusivamente a eles (em essência), distanciando de quaisquer questões sobre suas origens causais e sua natureza fora do próprio ato da consciência.

Tendo a fenomenologia como o estudo das essências, todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências, seja por exemplo, a essência da percepção, a essência da consciência. Mas, é também uma filosofia que repõe as essências na existência, “e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”, isto é, compreende-lo segundo a sua maneira de *ser-no-mundo*, sujeito às contingências como um ser que é lançado ao mundo, mundo que o precede e alcança, no qual ao ver-se como tal, precisa lutar para encontrar-se (MERLEAU-PONTY, 1999, p.1).

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzi Las Casas

Em síntese, a fenomenologia é um movimento radicalmente oposto ao positivismo, porque se centra na experiência intuitiva capaz de apreender o mundo exterior, e porque abala a crença mantida pelo homem comum de que os objetos existiam, independentemente de nós mesmos, nesse suposto mundo que nos seria estranho.

A tradição fenomenológica busca estudar as estruturas da consciência do ponto de vista da primeira pessoa. Ela tenta, portanto, desvendar quais são os limites do conhecimento sobre o fenômeno. É um estudo sistemático das figuras fenomenais, daquilo que pode ser percebido. É um tipo de análise que pretende compreender melhor as estruturas centrais da experiência e da intencionalidade humana, explicando como a mente direciona o pensamento a determinados objetos ou à realidade (MERLEAU-PONTY, 1999).

Como ciência dos fenômenos puros, cabe à fenomenologia o mundo que é percebido pela experiência imediata. Isso quer dizer que a consciência não é passiva. Ela não compreende a existência das coisas como algo pronto e acabado, mas participando da existência desses objetos (DARTIGUES, 2008).

Mas, o que é fenômeno?

3. Conceito de fenômeno na fenomenologia

Compreender o que é fenômeno representa a primeira grande dificuldade no estudo da fenomenologia, dado ao fato de se ter mais de um sentido e, deste ser dependente da formação de cada pessoa que o emprega. Em linhas gerais, fenômeno representa “qualquer modificação operada nos corpos pela ação dos agentes físicos ou químicos” (MOREIRA, 2002, p.64), encontrada em diferentes circunstâncias sedimentadas pelos cursos de Física, Química e ciências naturais, tal como o fenômeno da “*decantação da água*”, ou da “*queda de um fruto de uma árvore*”.

Também pode fazer referência ao sentido que está ligado a eventos, coisas, pessoas incomuns ou extraordinárias tal como a expressão “*Ronda Rossey, o fenômeno feminino do MMA*” e, pode ainda remeter a eventos de uma natureza particular e distinguível, como em “fenômeno natural” (chuva, vulcão) ou “fenômeno de massa” (marcha dos foragidos europeus).

Numa pesquisa empírica que utiliza a abordagem fenomenológica o fenômeno é algum tipo de experiência vivida, comum aos diversos participantes, como por exemplo: experiência de ter satisfeito um desejo, de ter vivido uma situação traumática; de ter perdido

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

uma competição, etc. Os diferentes aspectos da experiência, comum a todos os participantes, constituir-se-ão na essência dessa experiência vivida. (MOREIRA, 2010).

O significado de **fenômeno** vem da expressão grega *fainomenon* e deriva-se do verbo *fainestai* que quer dizer mostrar-se a si mesmo. Assim, *fainomenon* significa aquilo que se mostra, que se manifesta. *Fainestai* é uma forma reduzida que provém de *faino*, que significa trazer à luz do dia. *Faino* provém da raiz *Fa*, entendida como *fos*, que quer dizer luz, aquilo que é brilhante. Em outros termos, significa aquilo onde algo pode tornar-se manifesto, visível em si mesmo.(...) *Fainomena* ou *fenomena* são o que se situa à luz do dia ou o que pode ser trazido à luz. Os gregos identificavam os *fainomena* simplesmente como *ta onta* que quer dizer entidades. Uma entidade, pode mostrar-se a si mesma de várias formas, dependendo, em cada caso, do acesso que se tem a ela.(MARTINS et BICUDO,1989;p.21-22).

Fenômenos não são entidades reais ou eventos, são objetos de atos intencionais; que nós o apreendemos por meio dos atos de percepção. É a percepção que temos de um objeto (na sua aparência) que se torna visível à nossa consciência, e que inclui todas as formas de estar consciente de algo, qualquer espécie de sentimento, desejo e vontade, com seu comportamento imanente (MOREIRA, 2002).

Logo, o fenômeno é o primeiro aspecto para conhecer o mundo, para “*ir à coisa mesma*” e isso quer dizer situar o que se deseja conhecer no mundo. O próprio mundo pode ser situado diante do olhar do pesquisador como se fosse um foco a ser conhecido. Pesquisador e fenômeno estabelecem uma relação dialética, o homem se situa ao mundo, um mundo que se oculta e se doa à sua percepção.

Moreira (2002, p.66) concebe os fenômenos como “blocos básicos da ciência humana e a base para todo conhecimento, pois qualquer fenômeno representa um ponto de partida desejável para uma investigação”. O que chega a nossa percepção sobre determinada coisa é a sua aparência e, esta não é uma ilusão vazia, mas é o começo essencial de uma ciência que busca determinações válidas que são abertas à verificação de qualquer pessoa.

Porém, conforme comenta Moustakas (1994, p. 4) “além da aparência das coisas físicas na consciência, também a aparência de algo intuído, julgado, imaginado, fantasiado, desejado, temido é um fenômeno”, pois inclui todas as formas de se estar consciente deste algo.

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

Fenômenos são, portanto, anteriores a nossas teorias e conceitos; são dados imediatos, mas não meras aparências porque estas são sempre aparências de alguma coisa - que se mostra a si própria, logo não é uma mera representação do objeto, eles tem natureza própria (MOREIRA, 2002).

Em síntese, o que a fenomenologia faz é trocar a “objetividade” dos seres pela “vivência” dos fenômenos, na consciência.

Mas, como se caracteriza a abordagem fenomenológica?

4. Aspectos chave da abordagem fenomenológica: características distintivas

Conhecer algumas das características distintivas da fenomenologia se faz necessário para melhor compreensão do seu método, porém ainda assim, permanecerá dificuldade em compreendê-la ao permanecer no interior do contexto filosófico empírico que domina a cultura científica de nossa época. Não é, pois desse modo que a fenomenologia se opõe ao empirismo, mas, como ela se situa para além dele (BICUDO, 2000).

A seguir comentam-se estas características, quais sejam: fenômeno da consciência, experiência, atribuição da presença e intencionalidade.

Inicialmente, a fenomenologia trata o **fenômeno da consciência**, o que num sentido amplo leva a compreensão que ela remete a totalidade das experiências vividas por uma pessoa. A consciência no contexto fenomenológico ocupa um lugar de prestígio porque ela não pode ser evitada – reconhece-se a sua presença e o seu papel, ainda que, de qualquer modo, ela os faça sentir silenciosamente. A consciência é, portanto, o meio de acesso a tudo o que ocorre na experiência humana já que não há nada que possa ser dito, ou o que possa referir, que não a inclua implicitamente. Assim, do ponto de vista fenomenológico é mais rigoroso reconhecer o papel da consciência e considerá-lo, do que ignorá-lo (GREUEL, 1998).

A **experiência** consiste na capacidade de se obter percepções ou dados empíricos por meio da observação. Para Husserl (1975) a característica principal da consciência é que ela nos apresenta objetos; esta função ele denomina de “*intuição*” - uma experiência comum e não esotérica. Para ele, a experiência é a intuição de “objetos reais”, exatamente daqueles que são no tempo e espaço, regidos pela causalidade, e, portanto, oferecidos à percepção ordinária, como são, por exemplo, os carros, os livros, as mesas, etc. Neste sentido, o termo

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

intuição é mais amplo e o da experiência, mais estreito porque este último se refere a um leque menor de “presenças” que dão sustentabilidade aos indícios da realidade.

Este é um aspecto importante porque nas Ciências Humanas muitos de seus fenômenos de interesse são presenças que podem não ter base real. Por exemplo: Na Psicologia, fenômenos são alucinações, fantasmas, etc. Na Antropologia são os ritos, os rituais; na Sociologia, a histeria coletiva, as modas; na Ciência Política, as imagens, os slogans e assim por adiante. As Ciências Humanas se interessam muito mais em compreender como os objetos são percebidos ou o que eles significam do que apreender a sua essência ou seu caráter real (DARTIGUES, 2008).

No conceito de fenomenologia encontra-se a **atribuição da presença** daquilo que é dado e clareado exatamente como é e, como é sentido. Em outras palavras, ela analisa intuições ou presenças, não objetivamente, mas sob o ângulo do sentido que os fenômenos têm para as pessoas que o vivenciam.

Existe uma correlação estrita entre o modo como o objeto se mostra, se presentifica à consciência e o que ele é em si mesmo. Husserl chama o objeto no modo de sua presentificação, de *noema*; ao passo que designa os diferentes atos pelos quais este se manifesta de *noesis*. Os fenômenos que a fenomenologia husserliana pretende investigar são objetos *noema* em correlação com os seus modos específicos de se fazerem presentes (presentificação), ou seja, propõe investigar as coisas como são em si, mas estabelecendo relação estrita com os seus mais variados modos de presentificação (*noema*) (GREUEL, 1998).

A **intencionalidade** é um termo que Husserl tomou emprestado da Psicologia descritiva de Brentano, um de seus mestres, mas fez dele um uso bem diferente. O termo é a pedra angular da fenomenologia e expressa que toda consciência é consciência de alguma coisa, ou seja, a consciência é intencionalidade. Diferente dela mesmo e, que só é consciência estando dirigida a algum objeto, este por sua vez é sempre *objeto-para-um-sujeito*, ou seja, que somente tem sentido para uma consciência e jamais será um objeto em si, mas objeto-percebido ou objeto-pensado, objeto-rememorado, objeto-imaginado, etc. (LYOTARD, 1967).

A intencionalidade pressupõe que não há objetos e sujeitos que existem em si mesmos, para depois se ligarem uns aos outros. O sujeito só pode ter sentido em sua relação com o

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

objeto, e de igual modo, o objeto pressupõe em si o fato de estar ligado a subjetividade. Logo, não há duas entidades independentes.

A relação sujeito-objeto deve ser compreendida na sua totalidade, sem se fragmentar. Trata-se portanto, de uma relação de intenção, onde ser um sujeito implica em ser já vinculado ao mundo, e “toda análise do mundo supõe ao menos, implicitamente, um sujeito ou uma consciência para qual o mundo é” (POUPART et. al., 2012, p.390). Em síntese, toda a análise deve respeitar o caráter indissociável da relação sujeito-objeto.

A proposta husserliana de uma filosofia isenta de pressupostos e da substituição da opinião vaga pelo conhecimento seguro escolhe como sua principal referência a “objetividade” e a “autenticidade” no contato com as coisas, que são inicialmente dadas na percepção dos sentidos. Esta proposta sugere um método capaz de se livrar de todas as contingências subjetivas, para enfim, se defrontar com o fenômeno ideal-puro, livre de qualquer abstração, ou seja, uma ideia essencial (*eidos*) (DARTIGUES, 2008).

Existe um método fenomenológico de pesquisa? A próxima seção abordará esta questão.

5. O método fenomenológico e a pesquisa fenomenológica

A expressão método fenomenológico tem sido usada de forma indiscriminada, gerando diferentes significados e coisas relativamente diferentes. O próprio Husserl não avançou sobre o seu entendimento e, nem sobre seu significado e abrangência (DARTIGUES, 2008; POUPART, DESLAURIERS, GROULX et al., 2012; MOREIRA, 2002). Logo, a transposição do método fenomenológico da filosofia para as ciências empíricas não é obra de Husserl, mas de seus seguidores.

Habitualmente, método é entendido por um procedimento canônico (científico) que remete a problemas, hipóteses, definição de variáveis, teoria explicativa, manipulação e medidas, tratamento estatístico, etc. Este procedimento não constitui modo de investigação em fenomenologia.

Uma concepção de metodologia de pesquisa científica pressupõe uma visão da ciência e uma visão de ciência implica uma concepção metodológica de pesquisa. No entanto, a

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

fenomenologia está enriquecida de abordagens filosóficas e analíticas que possibilitaram uma perspectiva metodológica para a investigação fenomenológica (BICUDO, 2000).

Como método de pesquisa, a fenomenologia é relativamente nova - fato que não a impede de ser uma forma radical de pensar. Como um método radical de pensar, parte, necessariamente, de caminhos conhecidos de se fazerem as coisas, desafia os pressupostos como aceitos e busca estabelecer uma nova perspectiva para ver as coisas.

Nenhuma pesquisa projeta-se do vácuo. Um tipo de pensamento ou um método necessita sempre de um contato prévio, mínimo, comum ao pensamento existente que define um contexto. È por aí que se inicia o estatuto atual da fenomenologia.

Esta perspectiva remete a retomada do significado do termo fenomenologia dado pelas palavras “fenômeno” que significa aquilo que se mostra por si mesmo (manifesto) e *logos* tomado como sendo o significado de discurso esclarecedor.

Assim, se a fenomenologia for entendida como a ciência dos fenômenos, se estaria caracterizando “o que” embora não o “como” da investigação fenomenológica. “O como” da investigação daquilo que se mostra por si mesmo requer “ir à coisa mesma”, para o qual se faz necessário uma perspectiva metodológica diferente dos padrões da pesquisa positivista (MOREIRA, 2002).

O método fenomenológico tem suas variantes resultantes das adaptações que ele sofreu nas diferentes áreas de conhecimento e também em função de seu uso por diferentes autores.

Conforme comenta Moreira (2002, p.117) ao transpor o fosso entre filosofia e a prática da pesquisa, “será normal o aparecimento de muitas variantes do método fenomenológico (...) e não existe uma variante que possa ser apontada inequivocamente como o representante básico dessa ferramenta na pesquisa empírica”.

O quadro 1 mostra em síntese as variantes do método fenomenológico mais encontradas na literatura (MOREIRA, 2002; QUEIROZ, 2007; DA SILVEIRA et al., 2010; ANTHERA, 2015).

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

Quadro 1 – Variantes do método fenomenológico

Método/autor	Categorias básicas
Van Kaan (1959)	<ul style="list-style-type: none">- apresenta cinco fases de desenvolvimento;- centra os detalhes na determinação das essências do fenômeno(experiência) em estudo;- a determinação das essências é descrita de forma comum aos participantes;- não faz referência a <i>epoché</i>.
Colaizzi (1978)	<ul style="list-style-type: none">- apresenta sete passos flexíveis conforme a circunstâncias em que se aproxima do fenômeno em estudo;- há bastante clareza na sua formulação;- não faz referência a <i>epoché</i>;
Sanders (1982)	<ul style="list-style-type: none">- utiliza três componentes fundamentais: determinação dos limites “do que” e “quem” deve ser investigado; coleta de dados e análise fenomenológica dos dados;- a <i>epoché</i> não é mencionada diretamente, mas existem considerações sobre abstrações de pressupostos e ideias pré-existentes do fenômeno.
Van Manen (1984, 1990)	<ul style="list-style-type: none">- apresenta quatro fases de desenvolvimento;- a assertiva básica deste método está na consideração de que a investigação fenomenológica interpretativa e a teorização não se podem separar da prática da escrita e da construção de um texto;- para este método as questões de pesquisa e o modo como as compreendemos são os pontos de partida realmente importantes, não o método em si mesmo.
Giorgi (1985)	<ul style="list-style-type: none">- apresenta quatro passos de desenvolvimento;- um dos métodos mais conhecidos e utilizados da Psicologia Fenomenológica;- objetiva o alcance de “unidades de significado” (essências, temas)

Fonte: elaborado pelos autores

As facetas mais comuns das variantes dos quatro métodos, de acordo com Moreira (2002) e Queiroz (2007) são: (1) semelhanças nas estratégias de coleta de dados; (2) os resultados da pesquisa fenomenológica são invariavelmente descritos a partir da orientação dos participantes e, não codificadas em linguagem científica ou teórica; (3) o pesquisador identifica “temas ou essências” nos dados; (4) a partir dos temas é desenvolvida uma explicação estrutural.

A seguir procedem-se algumas considerações sobre os princípios da fenomenologia que fornecem alicerces para a pesquisa fenomenológica.

5.1 - Princípios da pesquisa fenomenológica

Martins e Farinha (1984, p.75-88) elaboraram um conjunto de considerações sobre a aplicação de três princípios que fundamentam uma pesquisa fenomenológica e, como se deve iniciar um primeiro nível de pesquisa, são eles: (1) definição da região de investigação; (2) descrição fenomenológica e (3) dialética da interpretação. Estes princípios especificam o campo inicial da investigação fenomenológica e, não incluem aspectos importantes do *conjunto hermenêutico* (interpretativo) que constituem um segundo nível de procedimentos da investigação.

Os autores nos alertam, de antemão, que tais princípios referem-se a “postura de ação” que pode ser assumida pelo pesquisador mais do que propriamente a adesão a um referencial teórico. Tais procedimentos serão apresentados em síntese, e de modo sequencial referem-se ao olhar atento para o fenômeno quando e como ele se mostra; o descrever e não o explicar os fenômenos e, o não se deixar levar pelas crenças sobre a realidade, mas colocar os fenômenos no mesmo horizonte.

Um apelo que estes princípios impõem ao pesquisador reflete a intenção para que vejam não as particularidades, mas que mergulham nos aspectos essenciais dos fenômenos.

A seguir comenta-se os três princípios, de acordo com Martins e Farinha(1984).

1º. princípio - **definição da região de investigação:** a primeira ação do pesquisador fenomenológico é definir a direção para a região a ser investigada: o que quero pesquisar? *Ir às-coisas-mesmas* significa que o campo de pesquisa é infinito, inclui todas as possibilidades de fenômenos, quando estes se doam à experiência humana.

Essa direcionalidade para as *coisas-mesmas-que-se-doam-à-experiência* só é possível quando elas são tomadas como doações ou possibilidades de doação para a experiência, ou seja, significa que podemos olhar atentivamente para todas as coisas ao nosso redor, no entanto, estes objetos para o pesquisador fenomenológico só podem ser vistos quando ocorrem dentro da experiência. Em outras palavras, o “ver fenomenológico” se dá apenas para aqueles objetos que surgem para quem os vê, dentro da sua experiência; o ver atento só se dá quando os objetos surgem. Este “ver” se produz diante da própria experiência que se apresenta das formas mais diversas: objetos percebidos, sentidos, imaginados, lembrados, revivados, resgatados, etc.

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

2º princípio . – **Descrição fenomenológica** – significa tornar o “ver atento” mais rigoroso pela prática da descrição fenomenológica. Descrever um fenômeno fenomenologicamente implica em selecionar uma área de inclusão (onde estão todos os fenômenos da experiência) e uma área de exclusão (onde estão todos os julgamentos metafísicos e os da realidade). A explicação está na área ou domínio de exclusão. No seu sentido inicial a explicação é uma teoria, um conceito, uma ideia ou uma construção que caminha atrás do fenômeno para justificá-lo em termos de outros fenômenos. Os exemplos a seguir ilustram estes aspectos (BICUDO, 2000):

Numa conversa com seus estudantes o professor faz a seguinte pergunta: “*o preto é uma cor?*” as respostas serão as mais variadas possíveis. Imagine se este mesmo professor apontasse para a louça e perguntasse: *De que cor é esta louça?* A resposta unânime seria: preto. A primeira pergunta (o preto é uma cor?) suscita uma tendência a dar-se uma resposta metafísica que fornece uma explicação e não uma descrição. A segunda (de que cor é esta louça?) o contexto da resposta restringe-se ao senso comum imediato, e a experiência corrente comum é o melhor juiz para ela. Assim, também não se permitiria uma descrição. Nenhuma das duas perguntas gerou respostas suficientes para uma descrição.

Dado o interesse da fenomenologia na descrição, o pesquisador não pode permanecer analítico delimitando várias categorias do discurso (muita abertura de respostas) – o que traria, de imediato, uma grande confusão para si próprio. As respostas explicativas nos exemplos citados anteriormente poderiam satisfazer a categoria conhecimento, se for isto que o pesquisador estiver buscando. Todavia, como respostas fenomenológicas, apontando para o fenômeno da experiência, seriam insuficientes e demandam maior rigor.

Desse modo, a delimitação do campo de experiência, ou seja, do interesse do pesquisador é crucial para acessar o foco da experiência possível de ser descrita como ela se mostra – isto independe de pressupostos e de uma teoria explicativa, mas de definição e esquadrihamento.

Uma análise fenomenológica (ou descrição) é mais do que uma simples análise. É uma investigação daquilo que é genuinamente possível de ser descoberto e que está potencialmente presente, mas nem sempre é visto.

3º princípio - **Dialética da Interpretação (ou hermenêutica)** – um terceiro aspecto diz respeito a interpretação das respostas dadas pelos sujeitos, ou seja, a não hierarquização inicial de fenômenos. Não se pode assumir uma hierarquia de “realidades”. A direção se dá

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

para a coisa mesma, para o fenômeno que vai se apresentar para a experiência como fenômeno – ou seja, daquilo que se mostra à experiência.

Desse modo, o olhar cuidadoso precede qualquer classificação e sistematização que se tornam possíveis. Este olhar meditativo, dirigido para a *coisa mesma* que se põe diante do pesquisador para ser experienciada constitui o que Husserl chamou de *epoché*, ou seja, uma postura do pesquisador de se insentar e, de suspender qualquer julgamento, crenças, predicados, hipóteses e teorias. (HUSSERL, 2001).

Nesta postura, o ver fenomenologicamente determina alguns aspectos da suspensão que se denomina por “redução fenomenológica”, compreendida como uma intuição da essência, isto é “uma apreensão direta, imediata e atual, de uma ideia na sua realidade individual” (MARTINS, 1992, p.56). Esta apreensão se dá através da consciência intencional, ou seja, uma direcionalidade da consciência.

Martins e Farinha (1984) afirmam que se trata de um dos momentos mais difíceis na sequência da análise fenomenológica, porque muitos pesquisadores pensam que é o momento de se abandonar tudo que se sabe. A suspensão (*epoché*) nos alerta para a importância de olhar mais e julgar menos aquilo que é “real” ou “mais real”, até que se chegue à evidência.

Em síntese, havendo descrito o fenômeno que cuidadosamente foi isolado, situado, posto em parêntese (fora da possibilidade de criar hipóteses, pressupostos e teorias) inicia-se a redução fenomenológica.

Trata-se, portanto, de um momento crítico da pesquisa fenomenológica e funciona como uma extensão da regra de inclusão-exclusão da descrição. Na inclusão estão todos os fenômenos da experiência. Na exclusão estão todos os julgamentos metafísicos e dos julgamentos da realidade. Todos eles estão em suspensão. A exclusão fundamenta-se, particularmente, na relação de distância na suspensão e na possibilidade de descrição que exige um cuidado especial na identificação do fenômeno, sem impor algo sobre ele e sem concluir sobre ele apressadamente.

Mas, como passar de um método filosófico para um método empírico? A próxima seção discute esta questão.

5.2 – Projeto de pesquisa fenomenológica

Antes de, propriamente, iniciar considerações sobre projeto de pesquisa fenomenológica, comenta-se sobre a abordagem fenomenológica na pesquisa das ciências humanas e sociais. Estas ciências têm como objeto uma realidade humana, histórica e social que critica o uso isolado dos métodos das ciências naturais nessa área. A análise da compreensão da experiência pessoal e da expressão do espírito humano nessa área do conhecimento normalmente se dá via pesquisa qualitativa (MARTINS, 1992).

A pesquisa qualitativa conheceu recentemente um novo impulso, desde então muitos pesquisadores sentiram a necessidade de métodos mais rigorosos que viessem se somar aos já existentes ou que os substituíssem. Também não tem sido incomum que alguns pesquisadores empreguem em suas pesquisas o *discurso misto* ((POUPART, DESLAURIERS, GROULX et al., 2012) , que em síntese, diz respeito as tentativas de aplicar o critério de exatidão dos fenômenos numéricos a fenômenos tirados da linguagem e para os quais tal critério não pode servir.

Quando se trata da abordagem fenomenológica, entendida como uma perspectiva radical que privilegia os fenômenos humanos, ela só pode encontrar legitimidade fora das práticas positivistas. Isto porque tais práticas enfatizam a formulação clara e precisa do problema, a seleção de amostras proporcionais e representativas, a seleção de instrumentos validados para a coleta de dados e definição dos procedimentos técnicos a serem adotados para o alcance da objetividade na análise dos dados. Logo, a pesquisa qualitativa é o campo privilegiado da pesquisa fenomenológica (POUPART, DESLAURIERS, GROULX et al., 2012).

Amatuzzi (2009, p.5) afirma que a pesquisa fenomenológica é uma forma de pesquisa qualitativa que “designa o estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever seu significado; ou qualquer estudo que tome o vivido como pista ou método. É a pesquisa que lida, portanto, com o significado da vivência”.

Gil (2010) esclarece que um projeto de pesquisa fenomenológica tem como primeira característica a flexibilidade, isto já determina que não existe orientação prévia sobre como definir rigorosamente as partes que o compõem. No entanto, pode-se identificar os elementos para a sua constituição e, que a semelhança dos projetos de pesquisa clássica definem-se os elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais.

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

A seguir comenta-se sobre os elementos que integram a pesquisa fenomenológica sob o alerta de não estar se propondo orientações normativas para o seu desenvolvimento. O que se objetiva é apresentar a experiência prática já concretizada por diferentes pesquisadores que adotaram o enfoque fenomenológico em suas pesquisas e que já estão num processo cumulativo de experiência com este enfoque. Dentre estes autores selecionamos Gil (2010); Da Silveira et al. (2010); Poupart, Deslauriers, Groulx et al. (2012); Martins e Bicudo (1989; Bicudo et Espósito, 1987).

Desse modo, o pesquisador fenomenológico, diferentemente de seus colegas que adotam o modelo hipotético-dedutivo não tem como identificar previamente as decisões a serem tomadas ao longo do processo de pesquisa. Ele “não pode especificar os objetivos da pesquisa, operacionalizar as variáveis determinar o tamanho da amostra, validar um instrumento para coleta de dados ou determinar procedimentos estatísticos para testar suas hipóteses” (GIL, 2010, p.3). No entanto, ele pode fazer uso de rigor e flexibilidade.

A apresentação que se faz a seguir não é exclusiva e nem exaustiva.

Introdução

A introdução consiste fundamentalmente na apresentação do tema da pesquisa, problematizá-lo, definir os objetivos (de partida) da pesquisa e justificar a sua realização.

Aqui o alerta está no entendimento de que nem todos **os temas** são adequados ao desenvolvimento de um projeto de pesquisa fenomenológica. A orientação máxima neste sentido é atentar-se para temas que tratam a experiência vivida pelas pessoas, experiência que se expressa em sentimentos, crenças, aspirações, frustrações, medos, alegrias, anseios, etc. (MOREIRA, 2002). Logo, caberia temas dirigidos pela crença que “verdades essenciais acerca da realidade são baseadas nas experiências vividas (...) experiência tal como se apresenta, e não o que possamos pensar, ler ou dizer acerca dela. O que interessa é a experiência vivida no mundo do dia a dia da pessoa” (BICUDO, 2000, p.3).

Na área da administração, por exemplo, é possível pesquisar fenomenologicamente temas como o exercício da liderança, a percepção sobre processos de mudanças, o comportamento do consumidor, o sentimento de comprometimento, decisões comportamentais sobre investimentos etc. A pesquisa de Da Silveira et al Gonçalves (2010) apurou os seguintes temas mais recorrentes na pesquisa fenomenológica brasileira desta área e dos estudos organizacionais, no período de 1997 a 2008: (1) aprendizagem organizacional, (2) atividade gerencial, (3) construção da identidade e da realidade social, (4) capital de risco no Brasil, (5)

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

atividades turísticas, (6) ação empreendedora, (7) comportamento do consumidor, (8) percepção sobre processos de inovação, (9) lay-out nas organizações, (10) relações de amizade entre empregados e clientes.

Problema de pesquisa

Na pesquisa clássica este é construído no sentido de formular uma questão de pesquisa (interrogação). Entretanto, na pesquisa fenomenológica o problema não está inteiramente definido, ele expressa uma insatisfação do pesquisador em relação a aquilo que ele pensa saber sobre algo, ou algo o incomoda e lhe causa ansiedade gerando tensão que o leva a buscar a essência do fenômeno. O fenômeno gerador de estranheza é também familiar ao pesquisador, pois está sedimentado na sua realidade vivida e, esta familiaridade ainda não se constitui conhecimento. O envolvimento do pesquisador com o seu objeto de pesquisa é, portanto, emocional e constituirá no ponto de partida. Esta fase é conhecida como pré-reflexiva, pois, “se refere a algo que o pesquisador pretende conhecer e que não está bem explicado” (GIL, 2010, p.4).

Definição dos objetivos

Esta definição ocupa uma posição central nos delineamentos clássicos de pesquisa, é através deles que se parte para a definição operacional dos conceitos neles contidos. Na pesquisa fenomenológica é recomendável a sua apresentação, no entanto, não de modo especificado visto que a operacionalização de conceitos e variáveis não se aplica as pesquisas fenomenologicamente orientadas. Nesse tipo de pesquisa “falar em objeto e tipo de olhar é mais adequado que falar em objetivo geral e objetivos específicos” (AMATUCCI, 2009, p.7). A escolha e a formulação adequada de uma região e de um enfoque epistemológico são fundamentais para uma pesquisa relevante e relaciona-se com a forma pela qual o pesquisador acredita que o conhecimento é gerado. Essa crença está fortemente ligada aos seus pressupostos ontológicos, ou seja, como ele se situa no mundo e vê as coisas.

Contextualização

Na pesquisa fenomenológica o problema de pesquisa revela muito mais uma posição peculiarmente intimista do pesquisador e, de modo geral, é formulado de forma ampla. A delimitação vai ocorrendo de modo progressivo, ao longo do processo de desenvolvimento da pesquisa. Contudo, recomenda-se situar o contexto da investigação já que pode ocorrer em diferentes âmbitos, como: sociológico, psicológico ou antropológico (GIL, 2010). Esta

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

construção é considerada como um dos critérios básicos da originalidade da pesquisa fenomenológica, pois a ênfase recairá sobre aspectos imanentes ao contexto em que o fenômeno será estudado ((POUPART, DESLAURIERS, GROULX et al., 2012).

Neste contexto recomenda-se que o pesquisador faça leituras de fronteiras a sua área de atuação, que possibilitem uma reconfiguração do problema e que propicia um conhecimento mais complexo e puro sobre o seu campo de estudo.

Justificativa

Embora muitas pesquisas fenomenológicas incluam-se na dimensão de pesquisa pura, não sendo determinadas por objetivos práticos, é necessário que o pesquisador explicita o valor potencial de seus resultados para o conhecimento científico. Tais justificativas são também argumentos que podem contribuir para potencializar o alcance do uso da pesquisa fenomenológica por outros pesquisadores, além de, propriamente gerar conhecimento para o campo em que foi desenvolvido.

Coleta de dados

Uma vez que a pesquisa fenomenológica se interessa pelas significações geradas em questões do tipo “afinal, o que existe para saber a respeito do sentido que tal fenômeno tem para as pessoas? a priori, o pesquisador deve iniciar interrogando apenas este fenômeno, captando as coisas do mundo da experiência, o lado interno, não observável, dos outros, ou seja, suas emoções, sentimentos, frustrações, sonhos, afetos com o seus mundos de vivência. No entanto, a experiência inclui tudo que é inacessível aos outros, ou seja pertence a uma dimensão subjetiva.

Mas, como explorar a experiência que é do outro? Como entender o significado desta experiência e chegar a verdade da consciência?

Souza et Guedes (2012, p. 54) comentam sobre duas maneiras lógicas de essa exploração acontecer: “ou o explorador toma a posição da consciência do indivíduo (processo de empatia), assume os seus modelos mentais e experiência diretamente o fenômeno (...) ou a experiência de um fenômeno é transmitida por meio de símbolos ao explorador pelo ser explorado.”

A entrevista do tipo semi-estruturada leva a resposta por parte do investigado e, conseqüentemente, “revela símbolos que a compreensão só poderá se dar no momento em que

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

se aprofundarem os seus significados por meio de outras perguntas” (SOUZA et GUEDES, 2012, p.54).

Contudo, mesmo que a entrevista possibilite registros e contenha informações relevantes acerca da experiência é importante que o pesquisador se abasteça de outros meios, para formar uma visão mais ampla do fenômeno.

Neste sentido, ele poderá fazer uso da entrevista em profundidade (HAGUETTE, 1997), que busca as dinâmicas das relações, das percepções e dos aprendizados e, seus resultados são possíveis pela habilidade do entrevistador em conduzir e alargar as perguntas previamente determinadas.

Sugere-se também recorrer à história de vida dos participantes – um tipo de entrevista que “baseia-se na premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores (BRIOSHI et.al., p. 120).

A história oral (THOMPSON, 1998) também é um recurso que permite captar as experiências dos indivíduos pertencentes a categorias sociais cujas percepções e intervenções geralmente são excluídas da história oficial e da documentação oficial das organizações e dos fenômenos, deixando registrada a sua visão de mundo, as suas aspirações e utopias e, por extensão as do grupo social a que pertencem.

A entrevista história de vida e a entrevista história oral se assentam necessariamente no tempo histórico, na dinamicidade que possibilita apreender as estruturas de relações sociais e os processos de mudança. São também dialéticas, pois constantemente os relatos estão sendo colocados em confronto durante a investigação.

Caberia ainda ao pesquisador fazer uso de imagens e som nas suas mais diferentes formas de manifestações. A imagem, em sua simplicidade, não precisa de um saber. Ela expressa em si uma consciência ingênua. Em sua expressão, é uma linguagem sempre jovem. Para especificarmos bem o que possa ser uma fenomenologia da imagem, para frisarmos que a imagem existe antes do pensamento, seria necessário dizer que a poesia é, antes de ser uma fenomenologia do espírito, uma fenomenologia da alma. Deveríamos então acumular documentos sobre a consciência sonhadora. (BAUER et GASKELL, 2014).

Análise dos dados

Partindo da ideia que a fenomenologia se interessa pelas “significações” o esforço do pesquisador concentrará nesta perspectiva. As recomendações para esta fase da pesquisa

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

iniciam com a constituição das “unidades de significação” resultantes de um paciente e atento processo de leitura do material empírico, obtido no processo de coleta. Tais unidades se constituem sob um lento processo de leitura-releitura da descrição: “cada vez que o pesquisador percebe uma mudança de sentido, ele posiciona a direção, e depois prossegue sua leitura, até a unidade de significação seguinte e assim sucessivamente” (POUPART, DESLAURIERS, GROULX et al., 2012, p.399). Ao fim de cada etapa, tem-se uma série de unidades de sentido, expressas sempre na linguagem comum dos participantes da pesquisa.

A recomendação sobre a “atitude neutra” do pesquisador ganha novo sentido, pois a abordagem fenomenológica é orientada para a descoberta e, ao se pretender encontrar sentido nos dados, a atitude deve ser suficientemente aberta para deixar fluir significações imprevistas. Em outras palavras, vale dizer que se deve abandonar qualquer espontaneidade e qualquer sensibilidade profissional, a fim de apreender, por meio da intuição, as significações que vão se eclodir.

Após a constituição das unidades de significação, elas passam por análises, serão examinadas, exploradas e descobertas novamente, de modo a tornar mais explicativo o valor de cada uma delas para o enfoque da investigação. Este processo conduzirá a redução até se atingir a essência do fenômeno.

Seria por demais longo explicar detalhadamente essa fase sobre o alcance da essência no processo de análise dos dados, assim recomenda-se leituras dirigidas como as de Anthea (2015), Poupart, Deslauriers, Groulx et.al., (2012), Moreira (2004); Bicudo (2000), Mearleau-Ponti (1999); Giorgi (1985). Esta mesma recomendação é validade em relação a apresentação dos “resultados da pesquisa fenomenológica” que tem estrutura científica própria.

Considerações finais

Neste artigo, tratamos os fundamentos filosóficos da abordagem fenomenológica pela inclusão de considerações sobre o método fenomenológico e a pesquisa empírica desenvolvida nesta perspectiva. Sustentamos a ideia de transportar para o campo da Administração e dos Estudos Organizacionais esta abordagem pela consideração de sua pertinência para os diversos temas que integram as disciplinas desta área e, que demandam a investigação das essências dos fenômenos humanos que habitam as organizações e as demais esferas de suas relações e abrangência.

Chamamos a atenção para os limites deste artigo frente à complexidade e aos desdobramentos que imanam do tema tratado, o qual se constitui numa agenda permanente de

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

pesquisa e um campo minado pelas confrontações, e sujeito à novas configurações e novas dinâmicas. Neste sentido, nossa expectativa é ter despertado no leitor o interesse de buscar proximidade com esta abordagem, como uma alternativa de pesquisa qualitativa e como uma possibilidade a ser associada à formação de pesquisadores no campo da Administração.

Referências

ANTHEA, W. **A guide to phenomenological resource**. Art & science. Research series: 8, abril 22, v. 29, no 34, p. 38-43, 2015

AMATUZZI, M. M. **Pesquisa fenomenológica: uma aproximação teórico humanista**. Estudos de Psicologia (Campinas), vol.26 no.1, Campinas, jan.mar., 2009

BAUER, W.M.; GASKELL, G. **A pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 12^a. ed.; Petropolis, RJ: Vozes, 2014.

BELO, A.A. **Introdução a fenomenologia**. Baurú: EDUSC, 2006

BICUDO, V.A.M. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Editora Cortez, 2000

BRIOSCHI, L.R, TRIGO, M.H.B. **Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas**. Ciências e Cultura, v.39, n.7, p.631-649, 1987.

COLAIZZI, P. F. **Psychological Research as the Phenomenologist Views It**. In: VALLE, R. S.; KING, M. Existential Phenomenological Alternatives for Psychology. New York: Oxford University Press, 1978. p. 48-71.

DA SILVEIRA, Z.R.; GUERRA, C.A.; GONÇALVES, A.C. **A aplicação da fenomenologia nos estudos organizacionais do Brasil**. Administração, ensino e pesquisa. Rio de Janeiro: v.13, n.2, p.269-300, abr.maio/2012.

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** Trad.de Maria Jose J.G. de Almeida. São Paulo: Ed.Centauro, 2008

DE SOUZA, B.V.S.M.; GUEDES, G.G. **A fenomenologia como método de pesquisa em administração.** Universitas Gestão e TI, v. 2, n.1, p.47-58, jan/jun 2012.

GIL, C.A. **O projeto de pesquisa fenomenológica.**Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. IV SIPEQ, Rio Claro: 2010.

GIORGI, A. **Phenomenology and psychology research.** Pittsburgh: Duquesne University Press, PP.vii a x, 1985

GREUEL, V. M. **Experiência, pensar e intuição: introdução a fenomenologia estrutural** São Paulo: Editora UNIUBE, 1998.

HAGUETTE, F.T.M. **Metodologias qualitativas na Sociologia.** 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1997

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia.** Lisboa: Edições 70, 2001

_____. **A filosofia como ciência do rigor.** Trad.de Albin Beau. Coimbra Atlantida, 1975

_____. **The crisis of european sciences and transcendental phenomenology.** Evanston Northwestern University Press, 1970

LIMA, M.B.A. **Ensaio sobre fenomenologia.** Ilheus: Editus, 2014

LYOTARD, J.F. **A fenomenologia.** São Paulo: Difusão, 1967

Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida.

Sergio Ricardo Siani, Dalila Alves Correa, Alexandre Luzzi Las Casas

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como *poieses*** São Paulo: Ed.Cortez, 1992

MARTINS, J.; BICUDO, V.A.M. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos.** São Paulo: Editora Moraes, 1989

MARTINS, J.; FARINHA, S.F.M. **Temas fundamentais de fenomenologia.** Centro de Estudos fenomenológicos de São Paulo. São Paulo: Editora Moraes, 1984

MEARLEAU-PONTY, M. **A fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, A.D. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002

MOUSTAKAS, C. **Phenomenology Research Metodos.** Thousand Oakas: Sage Publications, 1994

POUPART, J.; DESLAURIERS, J.P.; GROULX, H.L; MAYER, R.; PIRES, P.A. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** 3ª. ed., Petrópolis: Editora Vozes, 2012

SANDERS, P. **Phenomenology: a new way of viewing organizational research.** Academy of Management Review, v.7, n.3, pp.353-60, 1982

THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral.** 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998

VAN KAAM, A. Phenomenal analysis exemplified by a study of the experience of really feeling understood. Journal of Individual Psychology, v.15, n.1, pp.66-72, 1959

VAN MAANEN, M. Practicing phenomenological writing. Phenomenology and pedagogy, v.2, n.1, pp.6-39, 1984.